REVISTA COMCIÊNCIA
ISSN 2595-1890 [Online] – ISSN 1807-0124 [Impresso]

ENTRE UMA ARTE E OUTRA: SABERES DE UMA DOCÊNCIA ARTISTA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

BETWEEN ONE ART AND ANOTHER: KNOWLEDGE OF ARTIST TEACHING IN CONTINUING TEACHER EDUCATION

Vicência Paula da Conceição Gomes[a]
ORCID: 0000-0001-7278-0251
Ginaldo Cardoso de Araújo[b,*]
ORCID: 0000-0002-2407-5790

[a] Secretaria Municipal de Educação de Educação e Cultura (SEMEC) - Palmas de Monte Alto, BA, Brasil
[b] Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Guanambi, BA, Brasil
[*]Autor de correspondência: Ginaldo Cardoso de Araújo – E-mail: garaujo@uneb.br

RESUMO:
Este artigo é um desdobramento de uma pesquisa que explorou o conceito de docência artista (Loponte, 2005; 2007; 2013) na formação continuada de professores nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo é analisar como os saberes que emergem nesse processo formativo contribuem para o desenvolvimento profissional docente no exercício da profissão. Do ponto de vista metodológico, a investigação, de abordagem qualitativa com elementos da pesquisa colaborativa, fez uso da observação diagnóstica e da realização de Ateliês Formativos como procedimentos de produção de dados em uma escola pública que oferta os Anos Iniciais do Ensino Fundamental no município de Palmas de Monte Alto, Estado da Bahia. Os resultados desta investigação demonstram que é possível operar com a noção de docência artista para pensar outros modos de docência que sejam capazes de recepcionar e dar vida à arte nos espaços formativos. A pesquisa conclui que desse contexto pode emergir uma formação em serviço que cria e recria possibilidades outras de ser e tornar-se um professor, livre de manuais e receitas prontas para o fazer pedagógico.
Palavras-chave: formação continuada; saberes docentes; docência artista.

ABSTRACT:
This article is an extension of a study that explored the concept of artistic teaching (Loponte, 2005; 2007; 2013) in the continuing education of teachers in the early years of elementary school. The objective is to analyze how the knowledge that emerges in this training process contributes to the professional development of teachers in the exercise of their profession. From a methodological point of view, the investigation, with a qualitative approach with elements of collaborative research, used diagnostic observation and the implementation of Training Workshops as data production procedures in a public school that offers the early years of elementary school in the city of Palmas de Monte Alto, state of Bahia. The results of this investigation demonstrate that it is possible to operate with the notion of artistic teaching to think of other teaching methods that are capable of welcoming and giving life to art in educational spaces. The research concludes that from this context, in-service training can emerge that creates and recreates other possibilities of being and becoming a teacher, free from manuals and ready-made recipes for pedagogical practice.

Submetido: 02 de jun. 2025 **Aceito:** 07 de jul. 2025 **Publicado:** 16 de jul. 2025

Keywords: continuing education; teaching knowledge; artistic teaching.

Introdução

Este texto é um recorte de uma pesquisa de Mestrado[1] desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no município de Caetité. O foco da discussão que aqui se propõe está centrado na análise dos saberes docentes que atravessam a formação de professores no exercício da profissão, tendo a perspectiva de uma docência artista (Loponte, 2005; 2007; 2013) como inspiração para o processo.

A construção de novos olhares para os aspectos constitutivos da formação de professores se faz necessária para o fortalecimento das práticas educativas realizadas nas escolas. Segundo Tardif (2014), o saber docente é individual e está intimamente relacionado com a pessoa, com a sua identidade, sua experiência de vida e história profissional, bem como com as relações que estabelecem com estudantes em sala de aula. García (1999) enfatiza que a formação docente deve ser coerente com as necessidades formativas dos professores, tanto no aspecto pessoal quanto no profissional, ouvindo os docentes quanto a seus interesses, suas motivações, suas necessidades e suas opiniões.

Imbernón (2000), ao apontar o enfrentamento dos problemas das escolas, cita a formação coletiva dos professores como uma alternativa, pois, segundo ele, quando se aprende junto, a aprendizagem será recíproca, um aprendendo com o outro, compartilhando evidências, experiências, informações e busca de soluções para o problema. Nesse contexto, Gatti *et al* (2019) reconhecem que os professores com suas identidades pessoais e profissionais constroem histórias por meio das relações diárias com as outras pessoas e do meio em que se encontram inseridos, e, como seres essencialmente sociais e culturais, influenciam e são influenciados em seus mais diversos aspectos.

Os apontamentos mencionados evidenciam a necessidade de se pensar e desenvolver possibilidades outras para a formação docente, principalmente, aquela que acontece no contexto da profissão. De acordo com Carvalho e Araújo (2020, p. 8), "o cotidiano da escola torna-se um elemento importante da formação docente, pois é visibilizado e enunciado como o que precisa ser melhorado, aperfeiçoado, transformado e elevado a outro patamar". Dito isso, este texto apresenta uma análise dos resultados de uma pesquisa que utilizou o conceito de docência artista como possibilidade para a formação de professores na e com a escola em que atuam.

[1] Formação continuada de Professores na e com a escola: tecendo saberes de uma docência artista, dissertação defendida em fevereiro de 2024.

Para Loponte (2013, p. 36), "uma docência artista persegue um modo de ser docente, de uma ética docente contaminada com uma atitude estética". Esclarece, ainda, a autora:

> Uma docência artista implica determinados conceitos de sujeito e de formação: não se trata da noção de sujeito estável, essencialista, passível de ser emancipado e nem de uma formação cuja finalidade esteja predefinida ou com um ponto de chegada preestabelecido. Trata-se, sim, de um sujeito cuja formação vai além das pretensões modernas de estabilidade, conscientização e acabamento, em direção a uma prática de liberdade ou, ainda, um permanente 'tornar-se aquilo que se é', cujo fim, felizmente, é inatingível. Trata-se de uma formação marcada pelas possibilidades de invenção contínua de si mesmo e não pela descoberta ou reencontro de um si que estaria oculto ou de uma consciência a ser desvelada (Loponte, 2013, p. 36).

Como se vê, a perspectiva de uma docência artista implica uma formação docente marcada pelas possibilidades de invenção contínua de si, em que se problematiza "modos mais abertos e flexíveis - mais artistas – diante da tarefa cada vez mais complexa que é educar em tempos contemporâneos" (Loponte, 2013, p. 36). É nesse contexto, que a arte se torna um elemento potente para promover o encontro do professor consigo mesmo, com o outro e com a profissão. Sobre isso, Loponte (2013, p 37) salienta que "a potência de uma docência artista nos indica um processo de abertura para pensarmos além do mesmo a respeito da relação entre arte e docência, ou sobre os processos de formação docente, quaisquer que sejam". Tal configuração se delineia, então, como possibilidades outras de formação e ensino que dialoguem com as demandas e necessidade dos docentes e estudantes deste tempo.

Do ponto de vista metodológico, este texto se apoia nos pressupostos da pesquisa qualitativa, com elementos da pesquisa colaborativa. De acordo com Ibiapina (2008), a pesquisa colaborativa se apresenta como um importante instrumento de formação continuada, pois possibilita ao pesquisador e pesquisado a reflexão coletiva sobre o fazer pedagógico, desencadeando processos de estudo de problemas em situação prática.

O campo empírico escolhido para o desenvolvimento da investigação foi a Escola Municipal Marcelino Neves localizada no município de Palmas de Monte Alto, Estado da Bahia. A escolha dessa instituição para a pesquisa se deu por ela ofertar apenas os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e apresentar o maior número de estudantes e docentes, dentre as escolas que oferecem esse segmento de ensino no município. Para a produção dos dados da pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos: observação diagnóstica da escola e dos processos de formação continuada que ela desenvolve, e a realização de Ateliês Formativos com os gestores, coordenação pedagógica e professores. Ao todo, participaram dos Ateliês dezenove pessoas, as quais, aqui, serão identificadas com nomes fictícios (personagens das obras que foram utilizadas nos Ateliês Formativos), seguindo os aspectos éticos da pesquisa aprovados

pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNEB, por meio do Parecer Consubstanciado de 14 de fevereiro de 2023.

Os Ateliês Formativos se configuram como uma abordagem teórico-metodológica que se dedica à pesquisa e à formação de professores. São espaços de diálogo, reflexão, formação e partilha de saberes sobre as práticas da ação docente. A proposição dos Ateliês Formativos como dispositivo de pesquisa e formação docente foi inspirada nos pressupostos da pesquisa colaborativa a qual, segundo Ibiapina (2008), articula os saberes teóricos e práticos, diminuindo a distância entre os pesquisadores e os participantes da pesquisa.

Aos participantes da pesquisa, foi dada a oportunidade, nos Ateliês Formativos, de expressarem suas histórias de vida e o percurso pessoal e profissional que construíram durante a trajetória na profissão; tiveram espaço para refletir sobre seus medos, anseios, conquistas na vida e na profissão, bem como repensar sobre suas práticas de ensino, ressignificando-as por meio dos saberes (re)construídos. Em síntese, os Ateliês Formativos promoveram uma retomada reflexiva do percurso de trabalho com vistas a melhorá-lo, contribuindo para o fortalecimento de uma prática de formação coletiva.

Os Ateliês Formativos foram organizados em três momentos diferentes e aconteceram no mês de julho de 2023, na Escola Municipal Marcelino Neves. O primeiro Ateliê - T*ecendo Sonhos e reflexões sobre o processo formativo*, tomou como inspiração o conto *A Moça Tecelã* de Marina Colasanti e *o Mito de Penélope*. O segundo - *Embarque na Viagem do Pequeno Príncipe para o Planeta Marcelino Neves* - apresentou a fantástica história de O *Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry e a imagem de um menino sírio morto numa praia da Turquia, para promover diálogos e reflexões sobre a prática pedagógica e a produção de saberes necessários à docência contemporânea. O terceiro Ateliê - *Carpe Diem: a arte de aproveitar a vida* – levou a história de *Alice no País das Maravilhas e* a crônica *O Tempo* de Rubem Alves, para discutir a importância da tessitura das experiências e situações vivenciadas ao longo do tempo para elaborar situações didáticas para a sala de aula.

Os dados e informações produzidos no processo da pesquisa foram organizados e analisados à luz do referencial teórico selecionado para o estudo. Assim, o objetivo deste estudo é analisar como os saberes que emergem na formação continuada de professores, a partir de uma perspectiva de docência artista, contribuem para o desenvolvimento profissional docente no exercício da profissão. Para tanto, organizamos a nossa discussão neste texto em três partes, além desta introdução. Na primeira parte, destacamos a importância dos saberes para a formação de professores; na segunda, apresentamos as contribuições da docência artista para a

prática e desenvolvimento profissional docente e, por último, fechamos o texto com os apontamentos finais.

Saberes docentes

São muitos os estudiosos do campo da educação, mais especificamente da formação de professores, que se dedicam a estudar os saberes docentes. Sejam de campos epistemológicos diferentes ou dentro de uma mesma concepção teórica, esses estudos têm colocado em evidência a importância dos saberes dos professores para a composição de uma prática educativa coerente com as necessidades dos tempos atuais.

Tardif (2014), por exemplo, define os saberes docentes "como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais". Esse autor classifica os saberes docentes da seguinte forma: a. *Formação profissional* - transmitidos pelas instituições de formação de professores; b. *Disciplinares* - integram à prática docente através da formação inicial e contínua nas diversas disciplinas oferecidas e transmitidas nos cursos e departamentos universitários; c. *Curriculares* - corresponde aos discursos objetivos, conteúdos e métodos sob forma de programas escolares que os professores devem aprender e aplicar; d. *Experienciais* - brotam pela experiência e por ele são validados, baseados no trabalho cotidiano, incorporando-se à experiência individual e coletiva entre saber sob a forma de *habitus* e de habilidades.

É preciso ressaltar, como afirma Tardif (2014), que o saber não é uma coisa que flutua no espaço, pois o saber dos professores é próprio e encontra-se relacionado à identidade e às experiências de vida que construíram ao longo da história profissional. Nota-se, desse modo, que nossas relações diárias na sociedade, família, escola, com os estudantes, vão pontuando as marcas das lições que comporão nossa tessitura enquanto ser humano, como profissional da docência.

Nessa linha de entendimento, Carvalho (2014) endossa a ideia de Tardif, de que a formação do professor é complexa, demorada, lenta e contínua. Nesse ponto, convém observar que a dinâmica do trabalho docente é permeada pelo encontro de reciprocidade entre aluno e professores, vivenciando situações diversas e imprevistas face às reações dos alunos frente ao intercâmbio relacional. É certo, de todo modo, que o questionamento acerca do conceito de saberes docentes, será como uma bússola para o delineamento da prática educativa. Desse modo, interrogamos: o que devemos ensinar? Quais saberes são necessários e mais importantes que precisamos elencar em nosso planejamento? O que nossos alunos sabem e o que precisam

aprender? O que estamos ensinando será útil para quem e para quê? Essas provocações nascem de um grande e necessário debate que deve compor o processo de formação docente.

Corradini e Mizukami (2011, p. 54) ampliam essa discussão ao destacarem que,

> O principal recurso do professor é a postura reflexiva, sua capacidade de observar, de regular, de inovar, de aprender com os outros, com os alunos, com a experiência, construindo, cada vez mais, situações diversificadas nas quais alunos diferentes possam aprender.

É nessa relação dialógica entre os saberes, o ensinar e o aprender que permeiam a troca de experiências e o fazer pedagógico, os quais devem ocupar um espaço onde caibam todos os atores com suas marcas diárias e o desejo da continuidade do processo de aprendizagem interativa. Nóvoa (2009) destaca que a formação de professores deve valorizar o trabalho coletivo da profissão, num contexto de responsabilidade profissional e ética no tocante às mudanças nas rotinas de trabalho, como espaço de análise partilhada das práticas. Esse autor pontua, ainda, que os professores se encontram imersos numa escola marcada pelas diferenças culturais e conflitos de valores. Por isso, é importante assumirem uma ética profissional que se constrói no diálogo com os outros colegas, em que a partilha e as culturas colaborativas não são impostas administrativamente.

A partir de tais posicionamentos, entendemos que os saberes docentes nascem, também, no chão da escola. É lá que encontramos as razões do ser, fazer e estar em diálogo com o outro na construção dos saberes, como a fonte que dá origem às pesquisas face às dúvidas, incertezas e inquietudes. Nesse sentido, somos desafiados, cotidianamente, a uma avaliação dos saberes e experiências construídos ao longo de nossa história de vida e profissão. Dessa maneira, há que considerar que um conhecimento ou experiência não anula o outro, pelo contrário, se ajusta em um processo de familiarização e intimidade com o novo conhecimento, agregando saberes e experiências ao longo da vida. Com isso, enfatiza Tardif (2014, p. 52), que é "através das relações com os pares e, portanto, através do confronto entre os saberes produzidos pela experiência coletiva dos professores, que os saberes experienciais adquirem uma certa objetividade".

Naturalmente, as experiências compõem as singularidades do docente-artista, sendo o próprio, autor de sua criação. Segundo Capra e Loponte (2016), a arte abre um caminho para que se vá além do conhecimento científico e técnico, partindo do entendimento de que o artista dá vida à sua própria arte. Em analogia, o professor-artista dá vida a sua obra pedagógica. Não há, pois, docência que se sustente no mundo contemporâneo em que o saber limita o

pensamento e a criatividade de quem aprende. Segundo Loponte (2013), podemos ir além. Para essa autora:

> A identidade se constitui, muitas vezes, a partir da diferença de certos modelos e padrões. Muitas vezes, a partir de um olhar para outras experiências docentes produz-se a diferença, não exatamente uma "identidade". Identifico-me (ou não) com o outro e me vejo diferente aos meus próprios olhos (...) a partir do olhar do outro posso produzir a diferença em mim mesmo, me multiplico, me transformo. É a partir daí que o tema de uma "estética da docência" ou arte da docência se mostra pertinente (Loponte, 2013, p. 9).

Nessa lógica, da relação entre a arte e a própria vida nasce o pensamento de que o artista dá vida à obra de arte. Então, por que não dizer que somos artistas ao darmos sentido a nossa vida? Loponte (2019) insere essa ideia metafórica e realista do professor-artista que dá vida a sua prática (obra) pedagógica e cria, porque tem uma necessidade vital de criar. Para a autora, sendo o professor talentoso e criador, consequentemente, conseguirá lidar com os problemas que surgem no dia a dia de suas aulas, em suas atividades e, facilmente, encontrará caminhos e construirá manobras necessárias a fim de compreender as especificidades de cada aluno e de cada turma. É válido lembrar que a educação ganha um novo cenário a ser explorado e experimentado em suas mais diversas possibilidades de criação a partir da arte.

A experimentação dos saberes de uma docência artista

> Eu gostaria de dizer alguma coisa sobre o meu começo – no qual ainda estou, porque estou sempre no começo [...]. Estou convencido de que para criar alguma coisa é preciso começar a criar. Não podemos esperar para criar amanhã, temos que começar criando. [...] Se não temos qualquer tipo de sonho, estou certo de que será impossível criar qualquer coisa (Freire; Horton, 2003, p. 78).

Abrimos este tópico com o grande incentivo de Freire e Horton (2003), segundo os quais, para criar alguma coisa, é preciso começar a criar e que não podemos deixar para amanhã. O fragmento nos revela que se não tivermos sonhos, será impossível a criação. Por conta disso, do sonho com uma docência humana, permeada pela criação, é que propusemos, neste estudo, o encontro entre a arte e a docência por meio dos Ateliês Formativos no percurso da pesquisa.

Pensar em uma docência artista e propor caminhos possíveis para a educação escolar é permitir que a arte entre em cena na escola, na vida dos docentes e de seus estudantes, permitindo que a curiosidade faça morada. Por meios dessas percepções, observa-se que o ato de aprender e desaprender vive em cada um de nós de modo individualizado que, no convívio coletivo, é possível emanar possibilidades outras de aprender e ensinar, ou seja, é possível fazer docência outras artistando. Segundo Loponte,

> Uma docência que se faz 'artista' pode ser aquela que assume o seu trabalho como um processo de ir e vir, de rascunhar, rabiscar, voltar a desenhar-se. Um trabalho sobre si mesmo que não se faz sozinho. As relações intersubjetivas são fundamentais para a formação docente. Não há estética de si mesmo na solidão. A formação docente é uma ação compartilhada com pares, grupos diversos (dentro ou fora da escola) (Loponte, 2007, p.237).

Vale destacar que os Ateliês Formativos compuseram uma rede de fios que entrelaçaram a arte e a docência sob novas possibilidades de redesenhar e ressignificar o mundo e a educação. Freire (2000) contempla a ideia de que a educação é uma obra de arte. É nesse sentido que o educador é também artista: ele refaz o mundo, ele redesenha o mundo, repinta o mundo, recanta o mundo, redança o mundo. Assim, nos Ateliês, apresentamos práticas a fim de alicerçar a construção de saberes de uma docência artista por meio de metodologias que provocaram a reflexão crítica sobre a realidade educacional na e com a escola.

Para fomentar a formação docente a partir das possibilidades tecidas pelo conto *A Moça Tecelã* (Colasanti, 2004), o primeiro Ateliê da pesquisa ganhou painel temático como espaço potencializador de reflexão e articulação criadora com teares sugestivos, outro modo de habitar a escola. Foi proposto um trabalho em uma perspectiva metafórica e real, buscando a motivação através dos objetos antigos os quais retratavam a infância de todos que ali estavam.

O primeiro contato neste Ateliê foi ao som instrumental, convidando os docentes a entrarem e apreciarem a exposição de objetos, imagens, frases e fragmentos do conto escolhido. Neste momento, apenas o silêncio ocupou a cena, pois as memórias vieram à tona e as lembranças provocaram emoções diversas entre os docentes. O que nos envolveu, neste primeiro ateliê, foram os fios da confiança lançados no tear do conhecer e expressar as emoções da docência, a partir de como realizam suas práticas pedagógicas tecidas ao longo do tempo. Docentes envolvidos em suas próprias produções e, pelas reiteradas práticas do fazer pedagógico, adotaram a postura de apenas contemplar por acreditar que aquela era a única e melhor forma de ensinar e aprender, anulando as possibilidades da prática reflexiva.

No primeiro Ateliê, inspirado no conto trabalhado, os docentes foram convidados a organizar uma roda de tear simbólica e, numa teia de envolvimento e diálogo, foram indagados: Se você possuísse um tear mágico, como o retratado no conto, o que você gostaria de tecer? Por quê? E o que você gostaria de destecer? Por quê? O que se pode tecer por uma educação de qualidade? O que se pretendeu com esses questionamentos foi tecer uma reflexão acerca da prática pedagógica de cada docente e quais marcas estavam impressas nos diálogos e expressões usadas. Assim, encontraríamos a ponta do fio do algodão que passaria pela roda do tear.

Metaforicamente, em suas mais diversas cores, os relatos foram lançados, fio a fio, assim como no conto de Colasanti (2004, p. 4): "[...] depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava [...] assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias".

As narrativas ganharam cor ao passo que cada participante dialogava com o texto apontando o que gostaria de tecer e destecer na vida e na profissão. No aspecto do tecer e destecer na vida, foi possível observar que o ambiente construído naquela tarde possibilitou aos docentes expressarem confortavelmente suas tessituras, sem restrições. Vejamos alguns exemplos:

> *Eu gostaria de destecer minha forma de trabalhar com meus alunos, pois tenho dificuldade em mediar minha prática com uma turma grande e alunos indisciplinados e os pais não colocam limites (Exupéry, 2023).*
>
> *Eu gostaria de tecer uma nova profissional, pois, eu não sabia o tamanho de minha força para enfrentar os problemas. Agora, percebo que posso mover o mundo (Arganaz, 2023).*
>
> *Gostaria de tecer mais conhecimentos, pois, tenho dificuldades para expressar minhas ideias. Sou um pouco tímido (Aviador, 2023).*
>
> *Não concordo com o processo de avaliação nas escolas, por isso, gostaria de destecer o processo de aprovação e reprovação. Reprovar não mede conhecimentos e eu não gosto de rotina (Gato de Cheshire, 2023).*

Refletindo sobre essas narrativas, o tecer e o destecer a própria vida possibilitaram-nos a relação do conto com o poder que temos em tecer e destecer nossa prática enquanto docentes. Nas narrativas dos docentes, houve uma relação com a construção do próprio mundo, repensando a história tecida por eles e a reflexão de como estão desenvolvendo a prática pedagógica.

Nesse sentido, o conto envolveu os docentes de tal forma que desejaram o tear mágico para a construção de um ensino de qualidade. De acordo com as tessituras do primeiro Ateliê, percebemos que os docentes precisam encontrar na escola um espaço de acolhimento a fim de que possam sentir-se bem e ensinar bem. Assim, encontrarão motivação para diversificar os *modos operandi* de dar aula, de realizar as atividades, de avaliar, construindo e re(construindo) a aprendizagem dos alunos com o poder do tear comparado ao poder da educação, tecendo sonhos e construindo histórias por meio de um processo artista de criação.

O segundo Ateliê desenvolvido nesta pesquisa, *Embarque na viagem do Pequeno Príncipe para o Planeta Marcelino Neves,* aprofundou a visão de mundo e de educação,

explorando a história a partir de imagens, desenhos do livro e filme, além da intertextualidade através da reportagem que revela a crueldade da crise migratória através da imagem de um menino sírio morto numa praia da Turquia.

A história do Pequeno Príncipe é marcada por encontros mediados pelo diálogo e questionamentos que, por meio do ateliê, propiciou reflexões diversas sobre valores, princípios, esperança, guerra, preconceito, bem como o poder que emana das relações e dos encontros marcados na história com o Pequeno Príncipe, o aviador, a rosa, com a raposa, o bêbado, cientista, a serpente, rei, astrônomo, acendedor de lampiões, o vaidoso, o geógrafo e o encontro como o homem de negócios.

Tomando por base a ideia dos encontros e desencontros na história, as narrativas de cada encontro de o Pequeno Príncipe tornaram-se pauta de analogias com a educação. Frente a essa assertiva, a história do Pequeno Príncipe ganhou contornos no segundo Ateliê a partir das figuras e frases que corroboraram o estudo acerca da formação continuada de professores na e com a escola. Nessa perspectiva, partilhamos o diálogo entre o Principezinho e a raposa, destacando as relações como fator imprescindível para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem:

> (...) Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo... (Saint-Exupéry, 2009, p. 66).

Considerando que o ser humano tem necessidade de manter relações, o livro *O Pequeno Príncipe* proporcionou aos docentes momentos de reflexões e análise da construção de identidades no grupo, a partir dos questionamentos que também estão presentes na história no tocante ao ato de conhecer o outro, bem como conhecer a si mesmo. Dentre os questionamentos, trouxemos para tela de discussão: Quem sou eu? Quem é você? De onde vim? De onde você veio? Para onde vou? Para onde você vai?

Nesse contexto de análise, se descobrirmos quem somos através do encontro com o outro e com o universo escolar, conseguiremos dar sentido aos trabalhos que nos propomos a realizar cotidianamente. A partir do diálogo do Principezinho com a raposa, novas formas e perspectivas de perceber e intervir no planejamento foi ganhando sentido e a prática pedagógica experimentada pelos docentes com seu grupo de alunos apontou resultados surpreendentes de uma docência artista.

Tivemos a oportunidade de participar da construção dos trabalhos pelos alunos e o resultado superou as expectativas dos docentes, ao partilharem as amostras das produções. As crianças se apropriaram da história, trazendo de modo muito peculiar da infância, o sentimento de pertencimento e propriedade com seus trabalhos. As atividades realizadas pelas crianças evidenciaram que elas se permitiram ser cativadas pelo que estavam fazendo/criando. Isso nos mostra que as aulas para fazerem sentido na vida dos estudantes precisam envolvê-los na sua execução. Foi isso que uma pesquisa realizada Eiterer e Pereira (2005) evidenciou. Para as autoras, "as aulas vivenciadas, muitas vezes, são lembradas por razões epistemológicas e, outras vezes, podem ser destacadas por razões estéticas, pelo sentimento de prazer que despertam ao propiciar a realização de uma atividade" (Eiterer; Pereira, 2025, p. 13). Eis, portanto, a contribuição de uma docência artista para o processo de ensino e aprendizagem na escola.

Como inspiração para o terceiro e último ateliê da pesquisa, apropriamo-nos da expressão latina, *Carpe Diem:* a arte de aproveitar a vida, aproveitar o momento, com o propósito de colher o dia. A partir do exposto, *Alice no País das Maravilhas* (Carroll, 2002) entrou para o cenário de discussões, descobertas, dúvidas e possibilidades outras de pensar as práticas e saberes educativos na Escola Municipal Marcelino Neves, além da Crônica de Rubem Alves, do livro, *Pimentas: para provocar um incêndio não é preciso fogo*.

As aventuras de *Alice no País das Maravilhas* ocuparam o painel introdutório sobre a prática docente como processo reflexivo. Alice quando se deparou com várias indicações de qual caminho seguir, por não ter os objetivos claros, ela pediu ajuda ao gato. Nesse sentido, torna-se relevante a analogia entre a direção que Alice teria que seguir e os caminhos e direções escolhidos pelos docentes acerca de suas práticas pedagógicas. A narrativa nos levou a refletir sobre onde estamos e aonde queremos chegar, interagindo as temáticas relacionadas ao tempo, ao processo de mudança, medo, infância, sonhos.

Com a obra *Alice no País das Maravilhas*, trouxemos para o Ateliê um mundo de reflexões por meio de frases interpretadas sob o olhar da formação docente. O recurso textual utilizado no diálogo entre Alice e o Gato, permeou a discussão sobre planejamento pedagógico. Nesse viés, os docentes sinalizaram um distanciamento entre os encontros de planejamento realizados na escola e a eficácia das atividades na prática. Ademais, se o docente não sabe para onde vai, não tem clareza de onde quer chegar e como chegar; se não estabelece metas, logo, qualquer caminho será seguido, e, neste aspecto, o caminho escolhido sem o devido planejamento, pode não ser o melhor para a construção da educação de qualidade.

Posteriormente, foi lançado o questionamento para o grupo de docentes: qual o caminho indicado para os alunos da Escola Municipal Marcelino Neves seguirem para melhoria do ambiente de aprendizagem? Esse questionamento já implicava a importância do planejamento, pois para saber qual caminho seguir, faz-se necessário refletir sobre a escolha do melhor caminho. Mas, qual o melhor caminho para obter o êxito? Em suma, para ensinar é preciso também, entre outras possibilidades, saber planejar, organizar e avaliar.

Outro momento considerado importante no terceiro Ateliê foi o chá interativo com Alice no País das Maravilhas, mediado pelo diálogo e interatividade entre o grupo de professores a partir da música de Michel Teló, *O Tempo não espera ninguém*. Desta feita, confraternizamos com as conquistas e descobertas do encontro formativo através dos ateliês, tendo como ponto de reflexão, o tempo. Alves (2014, p. 160) dispõe nesse sentido: "resta, quanto tempo? Não sei. O relógio da vida não tem ponteiros. Só se ouve o tic-tac… Só posso dizer: 'Carpe Diem' – colha o dia como um fruto saboroso. É o que tento fazer". Diante dessa reflexão filosófica e considerando a relevância dada ao tempo pelos participantes da pesquisa, o último Ateliê culminou com o chá interativo, momento de experimentação e espaço aberto ao diálogo sobre formação de uma docência artista capaz de reinventar a prática pedagógica marcada pelos ponteiros de um novo tempo.

Ao término dos Ateliês, foi proposto aos participantes o registro de suas impressões sobre o processo vivido e experienciado. Dentre outros, obtivemos os seguintes relatos:

> *Quanto à experiência vivenciada foram as melhores. Senti prazer em realizar todas as etapas com muita disposição, os alunos envolveram bastante e se engajaram mesmo. Para minha vida profissional foi um momento de mostrar aos alunos o lúdico a partir da aprendizagem dentro e fora da sala de aula (Asteroide B612, 2023).*
>
> *Os Ateliês permitiram pensar sobre as experiências, aprendizagens e os sentidos presentes na formação, pois, foram adquiridos num contexto individual e coletivo (Raposa, 2023).*
>
> *Todos os ateliês foram ótimos e muito significativos para minha formação profissional, pois o trabalho desenvolvido foi de suma importância para minha prática que a partir de uma obra literária, foi possível trabalhar várias áreas do conhecimento (Chapeleiro Maluco, 2023).*
>
> *Os ateliês me proporcionaram uma reflexão sobre a prática pedagógica, levando-me a melhorar a minha metodologia de ensino (Exupéry, 2023).*
>
> *Foi uma experiência muito gratificante para nós professores. Uma forma de construir conhecimento com ênfase na ação, sem perder de vista a base teórica e prática em sala de aula. (Rosa, 2023*).

Os docentes expuseram, de modo espontâneo e objetivo, pontos de reflexão acerca dos trabalhos realizados através dos Ateliês. Desse modo, depreende-se na voz do grupo a

relevância da formação docente a partir do processo de reflexão sobre a própria prática, estabelecendo um olhar para si e para o contexto em que está inserida sua docência. Considerando o que foi destacado nos registros, é possível vislumbrar os desafios da prática docente e as reais dificuldades enfrentadas por eles. Dessa forma, refletir sobre a própria prática não nos dá a certeza de melhoria da qualidade da educação e não significa que os problemas diários vivenciados na escola serão resolvidos. É preciso, por certo, constante construção e reconstrução do conhecimento, dialogando na prática com as experiências individuais e coletivas, visto que a coletividade foi um dos argumentos defendidos por eles em diversos momentos da pesquisa.

Após os Ateliês, ficou explicito em alguns registros, o resgate da autoestima e valorização enquanto profissional, ser humano, gente que está naquele espaço e precisa ter voz, ser visto e respeitado a partir de suas singularidades. Pimenta (1999) destaca que a formação docente é autoformação ao passo em que os professores reelaboram os saberes a partir do encontro entre saberes iniciais e experiências cotidianas. A troca de experiências no coletivo dá lugar para a constituição de saberes num processo de reflexão na e sobre a prática.

Foi possível observar que os processos formativos na escola necessitam superar algumas posturas de distanciamento e individualidade. Os docentes apontaram a necessidade em abraçar propostas de práticas pedagógicas transformadoras. Identificamos nos diálogos e registros dos participantes dos Ateliês que coletividade, autoestima, valorização, mudança de pensamento e envolvimento do grupo receberam várias tonalidades nos discursos, expressando a necessidade de uma prática pedagógica acolhedora. Nesse sentido, Loponte destaca que,

> Em um tempo de individualismo exacerbado, em que estamos imersos em uma cultura plenamente narcísica, qual é o espaço para a relação com o outro? Que outro faz parte da nossa vida? Que "outros" existem além das relações de parentesco, das relações familiares? (Loponte, 2009, p. 923).

É preocupante, atualmente, docentes enfrentarem os problemas cotidianos no isolamento, cada qual em sua sala, em seu mundo de atuação profissional. Para Mizukami (2003), os professores deparam diariamente com situações complexas e não têm encontrado oportunidades para refletir os problemas, analisá-los, interpretá-los e, intuitivamente, acabam por responder a determinadas situações sem pensar sobre como as coisas são e porque são desta ou daquela maneira, optando por um caminho da naturalização e banalização dos fatos. Em vista disso, e a partir dos pontos e pespontos costurados até aqui, aflora-se a necessidade de uma nova tessitura da ação docente que possa contemplar os saberes para uma docência artista.

Sintetizando essas considerações, concordamos com Loponte, quando ela diz que

> A docência artista em discussão aqui não ambiciona ser um modelo a ser repetido, ou uma receita para a produção de uma "boa" docência. O que importa aqui é o que essa docência artista pode fazer pensar, ou, que, desde essa experiência, a partir dela, ou contra ela, podemos pensar sobre nós mesmos e sobre a docência (Loponte, 2005, p. 190).

Apontamentos finais

Procuramos, neste texto, analisar como os saberes de uma docência artista contribuem para a formação de professores no contexto da profissão. Os achados da pesquisa evidenciaram a importância de se conceber a escola, também, como um espaço de formação. Desse modo, utilizamos na pesquisa a noção de docência artista e constatamos que é possível colocar esse conceito como plataforma para pensar outros modos de docência. Uma docência que seja capaz de recepcionar e dar vida à arte, despertando novas experiências e novos modos de artistar nos espaços escolares.

A partir dessa perspectiva, constatamos no decorrer da pesquisa um desejo dos docentes por numa docência que procura superar as limitações existentes no contexto educacional. Tal pensamento remente, então, à adoção de novas práticas pedagógicas fundamentadas a partir de uma formação de professores cuja ação seja compartilhada com todos os atores da escola. Uma docência que cria e recria as possiblidades de ser e tornar-se um docente livre de manuais e receitas.

Durante a execução dos Ateliês Formativos, no campo empírico da pesquisa, foi possível observar o envolvimento dos docentes nas propostas, posicionado criticamente acerca do saber da experiência e da prática pedagógica. Ficou perceptível a abertura dos professores para a produção de novos conhecimentos, entendendo o caráter contínuo da aprendizagem docente. Frente a isso, reconhecemos que a docência é uma atividade complexa, porém, encantadora.

Nesse sentido, constatamos que a prática pedagógica é tão ampla que abre possiblidades para construção de diversos saberes, sendo possível a construção a partir da própria experiência. Com isso, durante a pesquisa, compartilhamos experiências, saberes e foi possível identificar as dificuldades enfrentadas pelos professores. Os achados da pesquisa deram cor e sabor a uma docência que foi se descortinando ao longo das provocações, leituras, encontros e reencontros com os saberes plurais de uma docência artista. Os apontamentos aqui apresentados ampliaram, portanto, as perspectivas e as possiblidades relacionadas à formação de professores na e com a escola, pois foram tecidos a partir dos saberes de uma docência artista.

Referências

ALVES, Rubem. **Pimentas:** para provocar um incêndio não é preciso fogo. São Paulo: Editora Planeta, 2ª ed., 2014**.**

CAPRA, Carmen Lúcia; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Ditos sobre o professor-artista. ANPEd Sul – Reunião Científica Regional da ANPEd: Educação, movimentos sociais e políticas governamentais, Curitiba, PR. **Anais eletrônicos da XI ANPED SUL**, Reunião Científica Regional da ANPEd, UFPR, Curitiba, PR, julho 24 a 27, 2016.

CARROLL, Lewis. **As Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CARVALHO, Adriano Vieira de. Os Saberes docentes nas visões de Paulo Freire e Maurice Tardif: uma construção. **Góndola, Enseñ Aprend Cienc**, 9 (2), 34-43. Doi: 10.14483/jour.gdla.2014.2.a03, 2014.

CARVALHO, Eliana. Márcia dos S.; ARAÚJO, Ginaldo Cardoso de. Ensino remoto, saberes e formação docente: uma reflexão necessária. **Revista Cocar**, *[S. l.]*, v. 14, n. 30, 2020. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3583. Acesso em: 2 jun. 2025.

COLASANTI, Marina. **A Moça Tecelã.** 1. ed. São Paulo: Global, 2004.
CORRADINI, Suely Nercessian. MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Formação Docente: o profissional da sociedade contemporânea. **Revista EXITUS**, volume 01, Número 01, jul./dez. 2011.

EITERER, Carmem Lúcia.; PEREIRA, Débora Santos. A aula: uma reflexão a partir das categorias de espaço e tempo. **Revista ComCiência, uma Revista multidisciplinar**, *[S. l.]*, v. 11, n. 15, p. e11152507, 2025. DOI: 10.36112/issn2595-1890.e11152507. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/comciencia/article/view/23906. Acesso em: 2 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2003.

GARCÍA, Marcelo C. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Portugal: Porto Editora, 1999.

GATTI, Bernardete Angelina, *et al.* **Professores do Brasil:** novos cenários de formação. Brasília: UNESCO, 2019.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa:** investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2000.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Docência artista:** arte, estética de si e subjetividades femininas. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte da docência em arte: desafios contemporâneos. *In*: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. (org.). **Arte, educação e cultura.** Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2007.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Amizades:** o doce sabor dos outros na docência. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 138, set./dez, 2009.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Da Arte Docência e Inquietações Contemporâneas para a Pesquisa em Educação. **Revista Teias** v. 14, n. 31,34-45, maio/ago. 2013.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte, verdade e pesquisa em educação. **ETD- Educação Temática Digital.** Campinas, SP, v. 21 n.2 p. 479-494 abr./jun.2019.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Docência, trajetórias pessoais e desenvolvimento pessoal. *In:* REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues, MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. (Orgs.). **Formação de professores:** tendências atuais. São Paulo: EDUFSCar, 2003.

NÓVOA Antônio. **Professores:** Imagens do futuro presente. Editora: Educa. 2009.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 1.a ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 48 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.